

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

ACOLHER E MOVIMENTAR:

Etnografia de uma casa de acolhimento e centro cultural para pessoas LGBT's

Orientadora: Ana Claudia Duarte Rocha Marques

Aluno: Jesser R de Oliveira Ramos

Março de 2018

Título: Acolher e Movimentar: Etnografia de uma casa de acolhimento e centro cultural para pessoas LGBT's

Resumo:

Nesse projeto de mestrado, pretendo analisar como a Casa 1, república de acolhimento e centro cultural que recebe pessoas LGBT's expulsas de casa, produz movimentos e transformações em torno de uma noção de casa sem para isso reivindicar o conceito de família. Por meio de uma abordagem etnográfica, pretendo analisar: (i) que dinâmicas e processos compõem a Casa 1 em meio às múltiplas formas de relacionalidades que são construídas entre a Casa 1 e seus habitantes e entre a Casa e o espaço que a rodeia, bem como (ii) que modos de associação são articulados entre os moradores e as moradoras da república e as pessoas externas à Casa durante o desenvolvimento das atividades artísticas, profissionalizantes, educacionais e culturais. Etnografar as relacionalidades e movimentos forjados na e pela Casa 1 mostra-se relevante por permitir visualizar as formas de associação e fazer político em um contexto que não reivindica a ideia de família para produzir seus movimentos. Desse modo, espero com essa pesquisa contribuir para o debate dos estudos sobre múltiplas formas de relacionalidades que escapam das formas convencionais do parentesco e da família, bem como para os estudos sobre os movimentos que são produzidos pela e na casa.

Palavras-chaves: Antropologia da política; Casa; LGBTs; Relacionalidades; gênero.

1. Introdução e justificativa, com síntese da bibliografia fundamental

A Casa 1 é um centro cultural e uma república de acolhimento que ajuda pessoas LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros) expulsas de casa por suas famílias devido suas orientações sexuais e suas identidades de gênero¹. O projeto surgiu em 2015 a partir de uma iniciativa do jornalista e ativista das causas dos direitos humanos Iran Giusti. Por meio de uma postagem em sua rede social Giusti ofereceu o sofá da sua casa para acolher quem não tinha lugar para ir e, após muitos pedidos, decidiu criar a Casa 1.

A casa é localizada em um sobrado na Bela Vista, região central da cidade de São Paulo, e sua disposição arquitetural é a seguinte: na parte superior está a república das moradoras e dos moradores que foram expulsos de seu ambiente familiar; na parte inferior está localizado o centro cultural composto por três espaços onde ocorrem atividades educacionais, profissionalizantes, culturais e artísticas. Além dessa parte inferior da Casa 1, essas atividades são realizadas no Galpão, um espaço externo à casa.

O espaço da república é exclusivo das moradoras e dos moradores, e, portanto, seu acesso é restrito a qualquer pessoa externa (pessoas que participem das atividades oferecidas ou que recebam as medidas paliativas). As atividades diárias e formas de organização desse espaço são realizadas de modo independente por cada um dos moradores e das moradoras, para que consigam construir uma casa que seja deles e delas². Devido a alguns limites estruturais da Casa, há um perfil de pessoa que pode ser acolhida: é preciso ter entre 18 e 25 anos e também não ser diagnosticado com “um estado de saúde mental grave”. Além disso, o morador e moradora da república pode residir nela por 4 meses.

¹Todas essas informações foram obtidas por meio de uma conversa inicial com os organizadores do projeto e por meio de uma Carta de Apresentação disponibilizada por eles bem como por meio das descrições da Casa no medium.com/@casa1.

² Conforme dito em uma conversa pessoal com Bruno, um dos organizadores do projeto, em junho de 2017.

O centro cultural é composto pela sala de atividades Vange Leonel, onde também está localizada a biblioteca Caio F. Abreu; pela sala de exposições Vitor Angelo e pelo o espaço Claudia Wonder. Nas salas de atividades e de exposição acontecem as atividades culturais e artísticas, como por exemplo, a produção de laboratórios de crochê, yoga e teatro, e também as atividades educacionais e profissionalizantes, como por exemplo, os cursos preparatórios pro ENEM, aulas de inglês e cursos profissionalizantes. Todas essas atividades são oferecidas por voluntários e voluntárias, ou por pessoas contratadas. No espaço Claudia Wonder acontece o atendimento ao público externo por meio da distribuição de alimentos, produtos de higiene pessoal e vestuários.

A manutenção da casa acontece por financiamento coletivo (*crowdfunding*) e por doações. Esse tipo de financiamento é um sistema pelo qual as pessoas doam determinadas quantias de dinheiro e em troca recebem recompensas. A Casa 1 oferece cursos, palestras e workshops em troca das doações. Algumas empresas privadas são parceiras do projeto e doam dinheiro em momentos e projetos específicos. Como, por exemplo, as campanhas promovidas pela Skol e pelo Doritos durante mês do orgulho LGBT, em que a partir da compra dos seus produtos essas empresas destinavam um porcentagem do dinheiro para a Casa 1.

O objetivo do projeto é construir um “espaço seguro para as pessoas LGBTs e para todas as pessoas [de grupos raciais, de classe, de faixa etária e de origem distintas] que frequentam o centro cultural” para, assim, promover “a potência e a riqueza dessas experiências e trocas”. Trata-se de um “projeto orgânico que se modifica de acordo com a necessidade e a diversidade dos seus públicos” (Carta de Apresentação). Nesse sentido, pode-se dizer, que a Casa 1 é um lugar, como aponta (Carsten e Hugh-Jones, 1995), onde a vida se desdobra, se modifica e se move.

Todas as dinâmicas e os movimentos que ocorrem nos espaços da Casa podem estabelecer múltiplas formas de relacionalidades (Carsten, 2000) entre seus habitantes. Segundo seus organizadores, o ato de acolher é “mais que oferecer um teto, é também apresentar oportunidades, trazer perspectivas e socializar” (medim.com/@casa1). Dessa forma, a Casa 1 é um lugar que pode evocar e mobilizar as discussões antropológicas de casa como um lugar que movimenta processos vitais (Carsten e Hugh-Jones, 1995), um lugar que faz política (Perutti, 2015), ou ainda, um lugar que se relaciona com o mundo (Alves, 2016).

A partir disso, neste projeto de mestrado, pretendo analisar, por meio de uma abordagem etnográfica, como a Casa 1 produz movimentos e transformações em torno de uma noção de casa sem para isso reivindicar o conceito de família. Sendo assim, estarei atento: (I) para que dinâmicas e processos compõem a Casa 1 em meio às múltiplas formas de relacionalidades que são construídas entre a Casa 1 e seus habitantes e entre a Casa e o espaço que a rodeia, bem como (ii) para que modos de associação são articulados entre os moradores e as moradoras da república e as pessoas externas à Casa durante o desenvolvimento das atividades artísticas, profissionalizantes, educacionais e culturais.

Para trabalhar a questão apresentada acima será preciso realizar uma revisão bibliográfica que siga dois caminhos. Em primeiro lugar, serão mobilizadas as discussões antropológicas de parentesco e família que elucidam novas formas de conexão que não se reduzem aos laços biológicos. E em segundo lugar, será mobilizada uma literatura que mostra como a casa é um lugar que produz movimentos políticos, bem como produz múltiplas formas de relacionalidades.³

³ A ideia sobre a fabricação de movimentos políticos foi trabalhada por mim no projeto de iniciação científica financiado pelo Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Nesse projeto, orientado pelo professor Jorge M. Villela, analisei as táticas e procedimentos de luta que são produzidos pelos professores e professoras do sindicato de São Carlos para elaborar suas formas de atuação em situações específicas.

Como apontado por Franklin e McKinnon (2001), a partir da crítica dos estudos feministas e de gênero sob a ênfase no biologismo do parentesco (Rubin, 1975; Strathern e MacCormack, 1980; Shapiro, 1981; Thorne e Yaloom, 1982; Yanagisako e Collier, 1987) e da crítica de David Schneider (1984) à universalidade do parentesco, as discussões antropológicas passaram a analisar as formas de relação, em contextos específicos, por meio de “outras categorias de relacionalidades que incluíssem gêneros, sexualidades, raças, espécies, máquinas, natureza e cultura” (2001, p.15).

Em sua crítica aos estudos de parentesco, Schneider (1984) apontou que a narrativa antropológica clássica construiu uma ideia de parentesco a partir de dois pressupostos ocidentais irredutíveis: por um lado, a Doutrina da Unidade Genealógica da Humanidade, em que o parentesco é composto de forma universal por um núcleo constituído de pai, mãe e filho e, por outro lado, a suposição de que o “sangue é mais grosso que a água” e que, por isso, o parentesco é definido em termos de reprodução sexual.

Após as críticas feitas pelo autor, a ideia euro-americana de parentesco passou a ser vista como uma tecnologia que naturaliza as relações (Haraway, 1997), que garante a naturalização das diferenças de gênero e sexo (Yanagisako e Collier, 1987; Yanagisako e Delaney, 1995), que transforma as relações naturalizadas em formas culturais (Strathern, 1992), e que também estabelece uma configuração convencional da família (Stone e Parkin, 2004). Segundo Stone (2000), os estudos de parentesco, a partir das críticas dos anos 80, passaram a dar maior atenção ao contexto histórico, às desigualdades de poder e estratégias de resistência à ideologias culturais dominantes e ao aparecimentos de múltiplas “vozes” etnográficas.

Família e parentesco passaram a não ser confundidos, segundo Yanagisako e Collier (1987), apenas com relacionamentos genealogicamente definidos. Em sua importante obra sobre as famílias de gays e lésbicas, Kath Weston (1992) mostra que os “laços de sangue” são descritos como temporários e incertos devido ao processo de expulsão de casa dessas pessoas por seus familiares, enquanto as “famílias escolhidas” de amigos estabelecem vínculos - de amizade e amor - mais seguros e duradouros. Essas reconfigurações das relações de parentesco também serão vistas com o surgimento das tecnologias reprodutivas (Strathern 1992, 1995; Franklin, 1997; Franklin e Ragoné, 1998). Como sugerem Strathern (1992, 1995), Weston (1992) e Rapp (1987), o uso dos elementos biológicos e da família na produção dessas outras formas de conexão não as tornam reflexos ou replicações das configurações “naturais” da família nuclear. Nesse sentido, segundo Weston (1992), as relações familiares de gays e lésbicas não são variações derivadas ou alternativas marginais das familiares nucleares.

Tais discussões antropológicas mostraram, de acordo com Carsten (2000), as conexões sociais, afetivas e materiais estabelecidas entre as pessoas sem descrevê-las em termos genealógicos. A centralidade nas formas relacionais do processo de interação entre as pessoas também foi evocado, anteriormente, pelos estudos de gênero, para pensar as construções de gênero e de sexo (Rubin, 1975; Yanagisaki e Collier, 1987; Howell e Melhuus, 1994; Butler, 1990; Strathern, 1988; Astuti, 1998; Morris, 1995).

Após as críticas de Rubin (1975) à naturalização do sexo e do gênero nos estudos de parentesco, a identidade de gênero passa a ser vista como um ato performativo e o sexo como uma construção social (Butler, 1990; Strathern, 1988; Astuti, 1988). Strathern (1988) mostra que, entre os Hagen, um indivíduo só se torna um indivíduo masculino ou feminino na relação e, desse modo, um indivíduo não existe previamente. Nesse sentido, a identidade de gênero, de acordo com Butler (1990), não é uma propriedade biológica

pré-existente, mas um efeito de um ato performativo. Ou ainda, como sugere Haraway (2004), o gênero é um verbo, e não um substantivo.

Para pensar esses outros modos de conexão, Carsten (1995b, 2000) sugere o uso do conceito de “relacionalidades”. Tal conceito permite visualizar múltiplas formas de relação que não se restringem ao parentesco baseado na reprodução sexual. As bases da relação podem ser estabelecidas por meio do trabalho produtivo (Bodenhorn, 2000), de substâncias compartilhadas (Lambert, 2000), do compartilhamento da comida (Hutchinson 2000; Carsten, 1995b), de ciclos de reciprocidade cotidianos (Sttaford, 2000). Desse modo, as relacionalidades estão constantemente em construção através dos atos e práticas diárias (Carsten, 1995b, 2000).

Seguindo esse argumento, Middleton (2000) descreve que, entre os Karembola, a maternidade não é uma propriedade da mulher, são relacionalidades que vinculam tanto os homens como as mulheres. De acordo com Carsten (2000, 1995b), a utilização de relacionalidades, de forma ampla, busca incluir qualquer tipo de relação e, assim, permitir que as fronteiras entre diferentes formas de relacionalidades sejam mais maleáveis. Inspirados nessas discussões apontadas, surgem inúmeros estudos sobre a produção de múltiplas formas de relacionalidades por meio de tecnologias reprodutivas (Bouquet, 2001; Thompson, 2001; Franklin, 2001; Akesson, 2000; Hayden, 2004; Inhorn, 2007), de substâncias compartilhadas (Weston, 2001; Carsten, 1995b), de processos de adoção (Modell, 2000; Howell, 2001; Strong, 2001; Briggs e Bernal, 2006; Yngvesson, 2007) e de famílias recompostas (Segalen, 2001).

Nesse sentido, a ideia de relacionalidade evoca novas formas de se conectar e provoca o alargamento do parentesco para uma multiplicidade de fragmentos possíveis (Stone, 2000) e para um conjunto de laços comunitários que são irredutíveis à família (Butler, 2003). Esses outros modos de se relacionar também foram analisados pela

literatura antropológica brasileira nos estudos sobre tecnologias reprodutivas (Rotania, 2003; Grossi, 2003; Fonseca, 2001; Luna, 2005; Aires, 2012), sobre os processos de adoção (Uziel, 2007; Fonseca, 2006, 2008; Tarnovski, 2002); sobre a parentalidade de pessoas transgêneros (Zambrano, 2006, 2008; Cardozo, 2007; Souza, 2013), sobre a conjugalidade de lésbicas e gays (Heilborn, 1993; Goldani, 1993; Mello, 2005; Rios, 2007).⁴

Fonseca (2008) argumenta que esses estudos mostram como as pessoas reconfiguram as noções sobre laços biogenéticos e criam novos significados. Essas novas formas de relação são estabelecidas por meio de cálculos e estratégias que buscam garantir, entre outras coisas, laços familiares (Grossi, 2001) ou conexões afetivas (Zambrano, 2006) entre as pessoas. Dessa forma, pode-se dizer que são mobilizados discursos, afetos e tecnologias para a feitura de famílias e parentes (Villela, 2009) ou para o estabelecimento de outras relacionalidades entre as pessoas (Carsten, 2000).

Dessa forma, essas discussões antropológicas elucidam a emergência dos modos de se relacionar de outros-inapropriados (Haraway, 2004) e de corpos abjetos (Butler, 2002 [1993]) que não estavam presentes nas narrativas anteriores da antropologia. É precisamente isso que o conceito de relacionalidades (Carsten, 2000) pretende: promover a abertura para a análise das múltiplas formas de conexão forjadas pelas pessoas em seus contextos locais. Assim, neste projeto de mestrado pretendo analisar que modos de associação são articulados entre os moradores e as moradoras da república e as pessoas externas à Casa durante o desenvolvimento das atividades artísticas, profissionalizantes, educacionais e culturais.

⁴ É importante destacar que usei uma literatura específica sobre os estudos de gênero mas que convém pontuar que outros trabalhos também demonstraram, em diferentes contextos, como pessoas LGBTs produzem outros modos de se relacionar: os trabalhos sobre travestis e transsexuais (Kulick, 1998; Louro, 2000, 2008; Pelúcio, 2007; Bento, 2006; Boldrin, 2017), sobre os movimentos sociais LGBT (McRae, 1990; Facchini, 2005; França, 2006; Simões e Facchini, 2009); sobre a homossexualidade (Perlongher, 1987; Parker, 2002), sobre jogos esportivos LGBT (Oliveira, 2010; Camargo, 2016).

Essas relacionalidades também serão pensadas nas múltiplas conexões estabelecidas entre as casas e as pessoas (Hugh-Jones, 1979; Ellen, 1986; Moore, 1986; McKinnon, 1987; Carsten e Hugh-Jones, 1995; Carsten, 1995a). Como aponta Carsten e Hugh-Jones (1995), a partir do final anos 70, a antropologia deixa de ver as casas como um domínio doméstico em que se cumpre funções de reprodução e procriação (Malinowski, 1930; Fortes, 1949), e passa a vê-las como lugares onde a vida se desdobra, modifica, move de acordo com suas múltiplas dinâmicas e processos (Hugh-Jones, 1979) e também conforme os movimentos de seus moradores (Moore, 1986).

Inspiradas no argumento de Bourdieu (1999[1970]) de que as casas são vistas pelas pessoas como extensões de seus corpos, algumas discussões antropológicas descrevem a casa como um lugar que envolve múltiplos processos de relacionalidades entre ela e seus habitantes, o que a torna um “locus para densas teias de significações e afetos, e serve como modelo cognitivos básicos usados para estruturar, pensar e experienciar o mundo” (Carsten e Hugh-Jones, 1995, p.2). Nas relações com as casas, segundo Moore (1986), os atores criam e produzem significados em suas práticas diárias. Essas relações tornam a casa um espaço em contínua construção dotado de inúmeros processos vitais (Carsten, 1995b) e interpenetrado por inúmeros níveis de significados (Elen, 1986). Nesse sentido, a casa, segundo Ingold (2012, p.30), nunca fica pronta, ela é “uma reunião de vidas, e habitá-la é se juntar a ela” em múltiplos processos dinâmicos.

Além disso, as relacionalidades que envolvem a casa não se restringem aos atos de reprodução sexual e criação de crianças (Carsten, 1995a; Howell, 1995; Lea, 1995; De Jório, 2000). Trata-se de um lugar que promove relações com divindades e ancestrais (Howell, 1995), que possibilita processos políticos e atividades cotidianas essenciais para a comunidade (Carsten, 1995a; De Jório, 2000), que propicia formas de classificação

(Lea, 1995; Hugh-Jones, 1995). Assim, como argumenta Carsten (1995a), a casa é um lugar onde se faz política⁵.

Inspirada nessas discussões sobre as relacionalidades que são construídas na e pela casa, a literatura antropológica brasileira mostra como em vários contextos específicos se estabelecem múltiplas formas de conexão entre as pessoas e a casa (Marcelin, 1999; Viegas, 2007; Machado, 2010; MacCullum e Bustamante, 2012; Perruti, 2015; Alvez, 2016)⁶. Em seu importante trabalho Marcelin (1999) mostra como a casa torna-se, por meio das ligações afetivas, domésticas e familiares (de sangue e de consideração) entre as pessoas, referência permanente para as pessoas. Ao mesmo tempo, a casa também relaciona-se com outras casas, o que possibilita um processo contínuo de criação e recriação de laços de cooperação e de troca entre as casas.

Seguindo o mesmo argumento, MacCullum e Bustamante (2012) descrevem a casa como um espaço onde moradores procuram dar sentido ao seu mundo, bem como um lugar que estabelece uma rede de relacionalidades com as outras casas. Nesse sentido, destacam as relacionalidades da casa com o espaço que a rodeia (Carsten e Hugh-Jones, 1995) ou com a paisagem em que ela está situada (Ingold, 2000). Além disso, a casa é onde constróem-se estratégias políticas e práticas cotidianas de viver juntos (Perutti, 2015), criam-se vínculos afetivos e memórias (Nogueira, 2011) e estabelecem-se cotidianamente relações com o mundo (Alves, 2016; Guedes, 2011). Nesse sentido, a

⁵ Como argumenta Comeford e Bezzera (2013, p.487), a política, em diferentes contextos, “é vivida sobre os múltiplos significados assumidos e os diferentes modos de envolvimento dos agentes”. A política é entendida de forma procedimental e, por isso, sua produção ocorre por meio de “práticas” e “funcionamentos” em contextos específicos. Nesse sentido, buscando se afastar da antropologia política que entende a prática política dentro de um domínio específico ou de um processo extrínseco, a antropologia da política, segundo Goldman (2000, p. 327) analisa quais procedimentos e mecanismos estratégicos são efetivamente postos em ação pelas pessoas no processo de fazer política. Ou então, como aponta Vilella (2009, p.209), é preciso analisar os modos como políticas são fabricadas nos contextos particulares, em vez de entender política a partir de um núcleo duro ou de um centro de poder.

⁶ Há importantes trabalhos realizados anteriormente por antropólogas e antropólogos no contexto brasileiro: as etnografias de Palmeiras (1977) e Garcia (1983) sobre as relações da casa com o trabalho nas plantações pernambucanas. E também o trabalho de Woortman (1981) sobre as dimensões cosmológicas da casa.

casa, como destaca Viegas (2007), é um lugar atravessado por muitas dinâmicas de socialidade e por múltiplas afecções.

No contexto das migrações transnacionais, Machado (2010) mostra como a casa é um lugar que reconstrói as centralidades das relações por meio do envio de remessas de dinheiro. Assim, essas reflexões amplificam as relacionalidades que são feitas, e desfeitas, (Marques, 2014) na e pela casa. A casa é, então, composta por múltiplas relações, processos e socialidades que não se restringem à vínculos consubstanciais do sangue ou a família nuclear heterossexual (Carsten e Hugh-Jones, 1995). Trata-se, portanto, de um lugar experienciado pelas pessoas de modo verbal (Pallasmaa, 1996 apud Ingold, 2012) bem como uma entidade que faz relações com quem a habita e com quem a rodeia (Carsten, 1995a).

Nesse sentido, são esses caracteres processuais e relacionais da casa, elucidados pela discussão antropológica, que oferecem uma importante possibilidade de análise para um dos objetivos desse projeto de mestrado: analisar que dinâmicas e processos compõem a Casa 1 em meio às múltiplas formas de relacionalidades construídas entre a Casa 1 e seus habitantes e entre a Casa e o espaço que a rodeia.

A principal contribuição desta pesquisa está no exercício de articulação de dois corpos bibliográficos - um que concerne aos estudos sobre múltiplas formas de relacionalidades que escapam das formas convencionais do parentesco e da família, e o outro que concerne aos estudos sobre os movimentos que são produzidos pela e na casa. Como apontado por Carsten (2000), o uso do conceito de relacionalidades permite perceber múltiplos modos de estabelecer relações que não se restringem aos vínculos biológicos e familiares.

Nesse sentido, etnografar as relacionalidades forjadas na e pela Casa 1 mostra-se relevante justamente por se tratar de um lugar que permite visualizar as formas de fazer

política por pessoas LGBTs em um contexto que não reivindica a ideia de família para produzir seus movimentos. A casa pode ser pensada como uma metáfora de um lugar que fabrica movimentos e transformações em suas práticas cotidianas. Trata-se, como aponta Carsten e Hugh-Jones (1995), de um espaço atravessado por múltiplos processos vitais em movimento. Desse modo, o esforço analítico deve ser mostrar que conexões são feitas na e pela Casa 1, a partir das relacionalidades estabelecidas entre os habitantes da Casa e dos movimentos fabricados por ela, e como essas conexões afetam as imagens antropológicas de casa. Nesse sentido, as discussões propostas por Carsten e Hugh-Jones permitem realizar uma análise etnográfica que atenta para os processos que se passam nas casas e para tudo aquilo que integra e engloba as casas como tais.

A análise da Casa 1, que abriga pessoas LGBTs que foram expulsas ou excluídas de sua própria casa e família de origem, é um caso interessante para um exame que pode ser especialmente propício para verificar nexos entre família e política, precisamente pelo fato de família estar em suspenso nos movimentos da Casa. Nesse sentido, essa análise pode ser bastante proveitosa para as discussões realizadas pela professora Ana Claudia Marques e pelo Hybris, uma vez que esse nexo é um dos pontos da investigação do seu projeto coletivo que busca descrever, refletir e argumentar sobre o que o parentesco faz e aquilo de que é feito.

Além das interessantes possibilidades analíticas, a pesquisa mostra-se relevante em termos políticos por se voltar para um espaço que abriga pessoas que são excluídas de outros lugares. A possibilidade de etnografar como a vida é movimentada e transformada nos processos diários da Casa 1 permite fabricar uma narrativa antropológica que, como sugere Donna Haraway (1985, 2004), busque visualizar outros modos de existir no mundo. Segundo a autora, o exercício político de uma ciência é produzir uma prática de articulação que esteja sempre aberta ao surgimento de figuras inesperadas. Por meio dessa

prática, geram-se alianças potentes com essas figuras e, por meio de tais alianças, é tornado visível uma multiplicidade de modos de habitar o mundo. Nesse sentido, acompanhar as dinâmicas e processos produzidos na e pela Casa 1 pode evocar uma multiplicidade de formas de habitar e existir que, de algum modo, afete as narrativas antropológicas.

2. Objetivos

O presente projeto de mestrado pretende analisar como a Casa 1 produz movimentos e transformações em torno de uma noção de casa sem para isso reivindicar o conceito de família.

2.1 Objetivos específicos

(i) Pretendo acompanhar as atividades educacionais, artísticas, econômicas e culturais que são realizadas na parte inferior da casa e no Galpão, para assim, analisar que relacionalidades são produzidas entre a Casa 1 e seus moradores bem como entre a Casa e as pessoas externas.

(ii) Considerando que o local onde os moradores e moradoras da Casa 1 é restrito à qualquer pessoa externa, pretendo, por meio das narrativas deles e delas, analisar que arranjos associativos são feitos entre eles.

(iii) Analisar os possíveis desafios que o funcionamento da Casa 1 pode trazer às narrativas antropológicas sobre casa.

3. Plano de trabalho e cronograma de sua execução

Ano 1

Atividade	Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Disciplinas obrigatórias			■	■	■	■	■		■	■	■	■	
Complementação da revisão bibliográfica		■	■	■									
Trabalho de campo					■	■	■	■	■				
Sistematização do trabalho de campo e elaboração de relato de campo										■	■	■	
Elaboração de Relatório parcial e elaboração do texto pra qualificação											■	■	
Apresentação de trabalho científico						■					■		
Elaboração e proposição de Projeto para Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior - BEPE FAPESP												■	■

Ano 2

Atividade	Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Elaboração do texto para qualificação		■	■	■									
Qualificação					■								
Seção de escrita etnográfica			■	■								■	■
Trabalho de campo			■	■	■	■							
Realização de Estágio de Pesquisa no Exterior							■	■	■	■	■	■	■
Apresentação de Trabalho Científico										■			

Ano 3

Atividade	Mês	1	2	3	4	5	6
Elaboração e proposição de Projeto para Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior - BEPE FAPESP		■					
Seções de escrita para a incorporar as contribuições provenientes da Pesquisa no Exterior		■	■				
Elaboração do Texto Final para a defesa		■	■	■	■		
Elaboração do relatório final						■	■
Defesa							■

4. Material e métodos

Para realização dessa pesquisa pretendo, por meio do trabalho de campo, acompanhar durante 8 meses as atividades educacionais, culturais, artísticas e profissionalizantes que são realizadas diariamente na Casa 1. Acompanhar essas atividades permitirá visualizar que relacionalidades são estabelecidas entre os habitantes da casa. Nessas atividades pretendo também conversar com as moradoras e os moradores da república de acolhimento e, assim, procurarei, por meio de suas narrativas, ver que associações são feitas entre elas e eles em suas atividades diárias tanto na república quanto no centro de cultural.

Como já dito, há dois elementos singulares no funcionamento dessa casa: o espaço onde está localizado a república de acolhimento não pode ser acessado por ninguém e o habitante da república só pode morar nela durante 3 meses. Essa restrição é feita para que, segundo os organizadores da Casa 1, o ambiente da república seja um lugar seguro e privado às pessoas que sofreram o processo de expulsão. Para analisar que relações e dinâmicas são produzidas e estabelecidas nesse espaço restrito e temporário pretendo conversar com as e os moradores da Casa sobre os processos cotidianos que se passam ali. Por meio de suas narrativas, pretendo, então, ver como os moradores e moradoras compreendem esse espaço restrito e temporário como casa. Nesse sentido, inspirado pelas discussões teórico-metodológicas de Strathern (1988, 1991), buscarei analisar que imagens tornadas visíveis nas narrativas dos habitantes da república de acolhimento compõem a ideia de casa desse lugar e como o funcionamento dessa casa se contrapõe ao que comumente é entendido como casa nas narrativas antropológicas.

Além disso, pretendo acompanhar as dinâmicas produzidas pela Casa 1 em suas relações com os elementos que compõem sua paisagem externa, sejam eles vizinhos, outras casas, outros estabelecimentos. Também pretendo acompanhar essas dinâmicas

por meio das atividades desenvolvidas pela Casa1 fora do seu espaço arquitetônico, tais como passeatas, manifestações, intervenções artísticas. Isso me permitirá descrever esses movimentos políticos produzidos pela Casa 1 em seu funcionamento diário.

Para a realização da análise de resultados, o material coletado será registrado em cadernos de campo e posteriormente será sistematizado e organizado em relatos de campo. Tais relatos estarão na base do texto etnográfico que será apresentado no final dessa pesquisa. Além do mais, contarei com reuniões de orientação e sessões de escrita etnográfica e participarei das reuniões do Hybris, grupo de pesquisa coordenado pela professora Ana Claudia Marques. A partir dessa análise, pretendo mostrar como a Casa 1 produz movimentos específicos a partir de suas dinâmicas e de seus processos cotidianos bem como mostrar de que forma os habitantes da Casa estabelecem arranjos associativos específicos em suas relacionalidades com os outros habitantes da Casa.

5. Referências Bibliográficas

AIRES, Lídia M. A. Gestando afetos, concebendo famílias: reflexões sobre maternidade lésbica e reprodução assistida em Aracaju-SE. Dissertação de Mestrado. UFSE. 2012.

AKESSON, Lynn. Bound by blood? New meanings of kinship and individuality in discourses of genetic counseling. In: STONE, Linda. *New Directions in Anthropological Kinship*. Boston: Rowman and Littlefield. 2000.

ALDEMAN, Miriam. A voz e a escuta: Encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea. Tese de Doutorado. UFSC, ed.2. 2016.

ALVES, Yara de Cássia. A casa raiz e o vôo de suas folhas: Família, Movimento e casa entre os *moradores* de Pinheiros-MG. Dissertação de Mestrado. USP. 2016.

ASTUTI, Rita. "It's a boy", "It's a girl!": reflections on sex and gender in Madagascar and beyond. London: LSE Research Online. 1998.

BODENHORN, Barbara. "He used to be my relative": exploring the bases of relatedness among Iñupiat of Northern Alaska. In: CARSTEN, Janet. *Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship*. Cambridge: Cambridge University Press. 2000.

BOURDIEU, Pierre. "A Casa Kabyle ou o mundo às avessas." *Cadernos de Campo (São Paulo, 1991)* 8.8 (1999): 147-159.

BOUQUET, Mary. Making Kinship, with an Old Reproductive Technology, In: FRANKLIN, Sarah e MACKINNON, Susan. *Relative values: reconfiguring kinship studies*. Durham & London: Duke University Press. 2001.

BOLDRIN, Guilherme Ramos. Desejo e Separação: monas, gays e envolvidos num presidio em São Paulo. Dissertação de Mestrado. UFSCar. 2017.

BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transsexual. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar – 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013 (1990).

_____. Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del sexo. Paidós: 1ª ed, Buenos Aires. 2002.

_____. O parentesco é sempre tido como heterossexual?. Cadernos Pagu (21): 2003: pp.219-260.

CAMARGO, Wagner Xavier. Entre corpos suados e excitados: considerações sobre sexo e sexualidade no trabalho de campo. Revista Antropológicas, v. 27 (2), p. 196-214, 2016.

CARDOZO, Fernando. Performatividades de gênero, Performatividade de parentesco: notas de um estudo com travesties e suas famílias na cidade de Florianópolis/SC. In: GROSSI, Miriam Pillar, UZIEL, Ana Paula e MELLO, Luiz. Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travesties. Geramond: Rio de Janeiro. 2007

CARSTEN, Janet e HUGH-JONES, Stephen. Introduction: About the House – Levi-Strauss and Beyond. In: CARSTEN, Janet e HUGH-JONES, Stephen. About the House: Levi-Strauss and Beyond. Cambridge University Press. 1995.

CARSTEN, Janet. Houses in Langkawi: stable structures or mobile homes?. In: CARSTEN, Janet e HUGH-JONES, Stephen. About the House: Levi-Strauss and Beyond. Cambridge University Press. 1995a.

_____. The substance of Kinship and the Heat of the Heart: Feeding, Personhood, and Relatedness among Malays in Pulau Langkawi. American Ethnologist, vol.22, Nº 2, pp. 223-241. 1995b.

_____. Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship. Cambridge: Cambridge University Press. 2000.

_____. After Kinship. Cambridge University Press. 2004.

DE JORIO, Rosa. Women's Organizations, the ideology of kinship, and the State in Postindependence Mali. In: STONE, Linda. New Directions in Anthropological Kinship. Boston: Rowman and Littlefield. 2000.

ELLEN, Roy. Microcosm, Macrocosm and the Nuaulu house: Concerning the reductionist fallacy as applied to metaphorical levels. Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde 142 (1):1-30. 1986.

FACCHINI, Regina. Sopa de Letrinhas? Movimento Homossexual e produção de Identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.

FONSECA, Claudia. "A vingança de Capitu: DNA, escolha e destino na família brasileira contemporânea". In: Sandra Bruschini; Cristina Ubehaum (eds.), Gênero, democracia e sociedade brasileira. São Paulo: Editora 34. pp. 267-294. 2002.

_____. De afinidades a coalizões: uma reflexão sobre a "transpolinização" entre gênero e parentesco em décadas recentes da antropologia. Ilha, Florianópolis, v.5, n.2, dezembro de 2003. p. 05-31.

_____. Da circulação de crianças à adoção internacional: questões de pertencimento e posse. Cadernos pagu (26), janeiro-junho de 2006: pp.11-43.

_____. De família, reprodução e parentesco: algumas considerações. *Cadernos pagu* (29), julho-dezembro de 2007: 9-37.

_____. Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco. *Estudos feministas*, Florianópolis, 16 (3): 424, setembro-dezembro, 2008.

FORTES, Meyer. *The web of kinship among the Tallensi: the second part of an analysis of the social structure of a trans-volta tribe*. London: Oxford University Press. 1949.

FRANÇA, Isadora Lins. *Cercas e pontes. O movimento GLBT e o Mercado GLS na cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Antropologia Social, USP, 2006.

FRANKLIN, Sarah e RAGONÉ, Helena. *Reproducing Reproduction: kinship, power, and technological innovation*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1998.

FRANKLIN, Sarah e MACKINNON, Susan. *Relative values: reconfiguring kinship studies*. Durham & London: Duke University Press. 2001.

FRANKLIN, Sarah. *Embodied Progress: A cultural account of assisted conception*. London: Routledge. 1997.

_____. *Biologization Revisited: Kinship Theory in context of the new biologies*. In: FRANKLIN, Sarah e MACKINNON, Susan. *Relative values: reconfiguring kinship studies*. Durham & London: Duke University Press. 2001.

GARCIA, Alfrânio. *Terra de Trabalho: Trabalho familiar de pequenos produtores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983.

GOLDANI, Ana Maria. *As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação*. *Cadernos pagu* (1): 67-110. 1993.

GOLDMAN, Marcio. *Uma teoria etnográfica da democracia: a política do ponto de vista do movimento negro de Ilhéus, Bahia, Brasil*. *Etnográfica*. Vol IV (2). 2000. pp. 311-332.

GROSSI, Miriam Pillar. *Gênero e parentesco: família gays e lésbicas no Brasil*. *Cadernos pagu* (21) 2003: pp. 261-280.

GUEDES, André Dumans. *O trecho, as mães e os papéis. Movimentos e durações no norte de Goiás*. Tese de Doutorado. Museu Nacional – UFRJ. 2011.

HARAWAY, Donna Jeanne. *Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX*. In: *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano/ organização e tradução* Tomaz Tadeu- 2 ed – Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009 [1985].

_____. *Modest_Witness@Second_Millennium.FemaleMan@_Meets_Oncomouse*. New York and London: Routledge, 1997.

_____. *The Haraway Reader*. New York: Routledge, 2004.

HAYDEN, Corinne P. *Gender, Genetics, and Generation: Reformulating Biology in Lesbian Kinship*. *Cultural Anthropology*, Vol. 10, No. 1, pp. 41-63. February, 1995.

HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: conjugalidade, gênero e identidade em contexto igualitário*. Tese de Doutorado. PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 1992.

HOWELL, Signe e Melhuus, M. *The study of kinship; the study of person; a study of gender?*. *Gendered Anthropology*. London: Routledge. 1993.

HOWELL, Signe. *The Lio House: building, category, idea, value*. In: CARSTEN, Janet e HUGH-JONES, Stephen. *About the House: Levi-Strauss and Beyond*. Cambridge University Press. 1995.

HOWELL, Signe. Self-Conscious Kinship: Some Contested Values in Norwegian Transnational Adoption. In: FRANKLIN, Sarah e MACKINNON, Susan. *Relative values: reconfiguring kinship studies*. Durham & London: Duke University Press. 2001.

HUGH-JONES, Stephen. Inside-on and back-to-front: the androgynous house in Northwest Amazonia. In: CARSTEN, Janet e HUGH-JONES, Stephen. *About the House: Levi-Strauss and Beyond*. Cambridge University Press. 1995.

HUTCHINSON, Sharon Elaine. "Identity and substance: the broadening bases of relatedness among the Nuer of southern Sudan". In: CARSTEN, Janet. *Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship*. Cambridge: Cambridge University Press. 2000.

INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. Routledge 11, New Fetter Lane, London. 2000.

_____. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n.37, pp.25-44, jan/jun. 2012.

INHORN, Marcia C. *Reproductive Disruptions: Gender, Technology and Biopolitics in the New Millennium*. Oxford & New York, Berghahn Books. 2007.

KULICK, Don. *Travesti – prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 1998.

LAMBERT, Helen. Sentiment and substance in North Indian Forms of relatedness. In: CARSTEN, Janet. *Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship*. Cambridge: Cambridge University Press. 2000.

LEA, Vanessa. The houses of the Mebengokre (Kayapó) of Central Brazil – a new door to their social organization. In: CARSTEN, Janet e HUGH-JONES, Stephen. *About the House: Levi-Strauss and Beyond*. Cambridge University Press. 1995.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*, Petrópolis, RJ. Vozes, 2008.

LUNA, Naara. "Natureza humana criada em laboratório: biologização e genetização do parentesco nas novas tecnologias reprodutivas". *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 12, n.2, p. 395-417, 2005.

MACCORMACK, Carolyn e STRATHERN, Marilyn. *Nature, culture and gender*. Cambridge: Cambridge University Press. 1980.

MCCALLUM, Cecília e BUSTAMENTE, Vania. Parentesco, gênero e individuação no cotidiano da casa em um bairro popular de Salvador da Bahia.

MACHADO, Igor José de Reno. Reordenações da casa no contexto migratório de Governador Valadares, Brasil. *Etnográfica*, 14 (1): 5-26. Fevereiro de 2015.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade. Identidade sexual e política no Brasil da "abertura"*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1990.

MARCELIN, Louis HERN. A linguagem da casa entre os negros no recôncavo baiano. *Mana*, 5(2): 31-60.

MARQUES, Ana Claudia. Considerações Familiares ou sobre os frutos do pomar e da caatinga. *R@U*, 6(2), jul/dez. 2014: 119-129.

MCKINNON, Susan. The house altars of Tanimbar: abstraction and ancestral presence. *Tribal Art (Bulletin of the Barbier-Mueller Museum, Geneva)* 1: 3-16. 1987.

- MELLO, Luiz. Outras Famílias: a construção social da conjugalidade homossexual no Brasil. Cadernos pagu (24), janeiro-junho de 2005, pp.197-225.
- MIDDLETON, Karen. How Karembola men become mothers. In: CARSTEN, Janet. Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship . Cambridge: Cambridge University Press. 2000.
- MODELL, Judith S. Open Adoption: Extending families, exchanging facts. In: STONE, Linda. New Directions in Anthropological Kinship. Boston: Rowman and Littlefield. 2000.
- MOORE, Henrietta L. Space, Text, and Gender: An Anthropological Study of the Marakwet of Kenya. Cambridge University Press. 1986.
- MORRIS, Rosalind C. All made up: performance theory and the new anthropology of sex and gender. Annual Review of Anthropology, vol. 24, pp. 567-592. 1995.
- NOGUEIRA, Vera Sevá. Casa Camponesa: uma etnografia com famílias camponesas e migrantes no sertão da Bahia. 34º Encontro Annual da Anpocs. Caxambu, 2011.
- OLIVEIRA, Leonardo Erivelto Soares. O jogo dos gêneros e o gênero do jogo: o caso do voleibol. 2010. Dissertação de Mestrado. UFSCAR. 2010.
- PALLASMAA, J. The eyes of the skin. London: Academy Editions. 1996.
- PALMEIRA, Moacir. Casa e Trabalho: notas sobre as relações sociais na “plantation” tradicional. Contraponto, 2(2): 103-114. 1977.
- PARKER, Richard. Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Rio de Janeiro, Record. 2002 [1999].
- PARKIN, Robert e STONE, Linda. Kinship and Family: an anthropological reader. Blackwell Publishing Ltd. 2008.
- PELUCIO, Larissa. "Mulheres com Algo Mais" - corpos, gêneros e prazeres no mercado sexual travesti. Revista Versões, v. 03, p. 77-93, 2007.
- PERUTTI, Daniela Carolina. Tecer amizade, habitar o deserto: uma etnografia do quilombo Família Magalhães (GO). Tese de Doutorado. USP. 2015.
- PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê*. 2ªed. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2008 [1987].
- RAPP, Rayna. Toward Nuclear Freeze? The Gender Politics of Euro-American Kinship Analysis. In: YANAGISAKO, Sylvia e COLLIER, Jane. Gender and Kinship: Essays Toward a Unified Analysis. Stanford University Press. 1987.
- RIOS, Roger Ruapp. Uniões homossexuais: adaptar-se ao direito de família ou transformá-lo? Por uma nova modalidade de comunidade familiar. In: GROSSI, Miriam Pillar, UZIEL, Ana Paula e MELLO, Luiz. Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travesties. Geramond: Rio de Janeiro. 2007
- ROTÂNIA, Alejandra. Novas tecnologias conceptivas no context da tecnociência. In: GROSSI, Miriam Pillar, ROZELI, Maria Porto e TAMANINI, Marlene. Novas tecnologias conceptivas: questões e desafios. Brasília: Letras Livres. 2003.
- RUBIN, Gayle. "O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo; tradução Christine Rufino Dabat, Edileusa Oliveira da Rocha e Sonia Corrêa." *Edição SOS Corpo: Recife* (1993). 1975.
- SEGALEN, Martine. The shift in kinship studies in France: the case grandparenting. In: FRANKLIN, Sarah e MACKINNON, Susan. Relative values: reconfiguring kinship studies. Durham & London: Duke University Press. 2001.

SHAPIRO, Judith. Anthropology and Study of gender. *Soundings: An Interdisciplinary Journal* 64, no. 4: 446-65.

SCHNEIDER, David. *A critique of the study of kinship*. Ann Arbor: University of Michigan Press. 1984.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOUZA, Érica Renata. Papai é homem ou mulher? Questões sobre a paternidade transgênero no Canadá e a homoparentalidade no Brasil. *Revista Antropológica*, São Paulo, USP, V. 56, No.2. 2013.

STONE, Linda. *New Directions in Anthropological Kinship*. Boston: Rowman and Littlefield. 2000.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com mulheres e problemas com sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora da Unicamp. 2006 (1988).

_____. *Partial Connections*. Savage, Maryland: Rowman and Littlefield. Re-issued by AltaMira Press, Walnut Creek, CA. 2004 [1991].

_____. *After nature: English kinship in the late twentieth century*. Cambridge: Cambridge University Press. 1992.

_____. "Necessidade de pais, necessidade de mães". IN: *Revista Estudos Feministas*, v. 3, nº 2, pp. 303-329, 1995.

_____. O efeito etnográfico. In: *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014. pp. 345-405.

STRONG, Pauline Turner. To forget their tongue, their name, and their whole relation: captivity, extra-tribal adoption, and the indian child welfare act. In: FRANKLIN, Sarah e MACKINNON, Susan. *Relative values: reconfiguring kinship studies*. Durham & London: Duke University Press. 2001.

TARNOVSKI, Flávio Luiz. "Pais Assumidos": adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo. Dissertação de Mestrado. UFSC. 2002.

THORNE, Barrie e YALOM, Marilyn. *Rethinking the family: some feminist questions*. Boston: Northeastern Univ. Press. 1982.

THOMPSON, Charis. Strategic Naturalizing: kinship in an infertility clinic. In: FRANKLIN, Sarah e MACKINNON, Susan. *Relative values: reconfiguring kinship studies*. Durham & London: Duke University Press. 2001.

UZIEL, Ana Paula. *Homossexualidade e Adoção*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

VIEGAS, Susana de Matos. *Terra Calada: Os Tupinambá no Sul da Bahia*. Coimbra, Almedina; Rio de Janeiro, 7 Letras. 2007.

VILLELA, Jorge Mattar. Família como grupo? Política como agrupamento? O sertão de Pernambuco no mundo sem solidez. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2009, V.52 nº1.

WESTON, Kath. *Families We Choose*. New York: Columbia University Press. 1992.

_____. "Kinship, controversy, and the sharing of substance". In: Franklin e McKinnon (eds.) *Relative values: reconfiguring kinship studies*. Durham & London: Duke University Press. 2001.

WOORTMANN, Klaas. Casa e Família operária. *Anuário Antropológico*, 80: 119-150. 1982.

YANAGISAKO, Sylvia e DELANEY, Carol. "Naturalizing power". In: YANAGISAKO, S. e DELANEY, C. *Naturalizing power: essays in feminist cultural analysis*. New York: Routledge. 1995

YANAGISAKO, Sylvia e COLLIER, Jane. Toward a Unified Analysis of Gender and Kinship. In: YANAGISAKO, Sylvia e COLLIER, Jane. Gender and Kinship: Essays Toward a Unified Analysis. Stanford University Press. 1987.

YNGVESSON, Barbara. Parentesco reconfigurado no espaço da adoção. Cadernos Pagu (29): 111-138, julho-dezembro de 2007.

ZAMBRANO, Elizabeth. “Nós também somos família”: Estudo sobre a parentalidade homossexual, travesti e transsexual. Tese de Doutorado. UFRGS. 2008.

_____. Parentalidades “Impensáveis”: Pais/ Mães homossexuais, travestis e transexuais. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 12, n.26, p. 123-147, jul/dez. 2006.

Outras Fontes

Medium.com/@casa1

Carta Apresentação